



O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)
150 anos da 1ª Batalha de Tuiuti - 400 anos da fundação de Belém do Pará
ANO 2016 Agosto Nº 180**

O EQUILÍBRIO DO PODER MUNDIAL

** Manuel Cambeses Júnior*

O presidente George Bush, ao decidir decretar guerra ao Iraque, sem o respaldo do Conselho de Segurança da ONU, enterrou, peremptoriamente, a tríade: contenção, dissuasão e alianças – surgida no governo Harry Truman - em função de uma nova doutrina que postula a incontestável preeminência militar da superpotência e sua disposição em atuar preventiva e unilateralmente contra qualquer ameaça real ou potencial que se vislumbre no mundo.

Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos definiram as bases de sua política externa. Estas se prolongaram durante várias décadas, evidenciando serem surpreendentemente resistentes frente ao embate das inexoráveis mudanças ocorridas no mundo.

Foi durante a gestão do presidente Harry Truman que tomou forma uma política externa autenticamente estruturada. Esta assentava-se sobre duas vertentes: a primeira, embasada em termos de segurança e defesa nacionais e, a segunda, voltada para a criação de um entretecido de instituições internacionais sobre as quais puderam sustentar-se, e fazer prosperar os valores e os interesses estadunidenses.

Como expressão da primeira dessas vertentes, tomaram forma a política de contenção ao expansionismo soviético, a doutrina da dissuasão e as alianças com a Europa Ocidental e o Japão. No que concerne à segunda, esboçou-se, nesse momento da História, ou em fases posteriores, uma ampla gama de organismos internacionais.

Não obstante, a contenção, a dissuasão e a política de alianças, continuariam sendo uma trilogia incontestada. O colapso do comunismo acarretou, como consequência natural, uma série de interrogantes fundamentais: a quem conter? A quem dissuadir? Para que servem as alianças?

George Bush (pai) e Bill Clinton souberam alterar os conteúdos fundamentais que embasavam esses preceitos, mantendo-os com vida e como essência de uma ordem internacional estável. Passou-se a conter então, não somente ao comunismo, mas a diversas formas de anarquia e agressão internacional. Destarte, passou-se a dissuadir, com a portentosa superioridade militar norte-americana, a qualquer país ou entidade que representasse uma ameaça para os Estados Unidos.

Como corolário desse enfoque, mantiveram-se e expandiram-se as alianças para sustentar um sistema internacional harmônico.

Recentemente, o governo estadunidense redigiu um documento intitulado “A Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos”, e que poderá ficar registrado na História como um novo marco entre etapas das relações internacionais. A nova doutrina militar, ali anunciada, justifica intervenções e ataques preventivos contra Estados ou organizações armadas que ameacem seus interesses nacionais e subordina os acordos e tratados multilaterais à decisão unilateral dos Estados Unidos.

O documento, evidentemente, tinha o propósito imediato de justificar um eventual ataque ao Iraque. Ademais, faz supor o fim da era da contenção e da dissuasão - que imperou desde a última guerra mundial e durante o transcorrer da Guerra Fria - e a legitimização para uma busca aberta e explícita, em qualquer rincão do planeta, sempre que a segurança internacional e a supremacia norte-americana sentirem-se ameaçadas.

Apesar de que o presidente George Bush tem, sistematicamente, advertido sobre a irrelevância em que pode cair o Conselho de Segurança da ONU – caso não acompanhe, automaticamente, a vontade e a ação dos EUA -, fica bastante claro que é desse organismo, e não de Washington, a fonte de onde emana a legitimidade de toda intervenção armada, seja com propósitos preventivos ou ofensivos.

A nova doutrina estratégica, elaborada pela administração republicana, outorga-lhe respostas a várias questões pendentes para os norte-americanos: a definição nítida de ameaças, inimigos em potencial e cenários de conflito. Em alguns casos, essas ameaças e conflitos são compartilhados por significativa parcela da Humanidade, que defende, fundamentalmente, princípios e valores associados com a modernidade, a democracia e a dignidade humana.

É importante enfatizar que a consagração do unilateralismo e a contumaz exibição do músculo militar, tende a dissociar os Estados Unidos de todo compromisso multilateral que limite não somente sua soberania, mas, também, sua hegemonia. O curioso neste atual cenário é que ao consagrar a doutrina de ação preventiva, os estadunidenses não somente estão carcomendo os alicerces que sustentam a sua tradicional política externa mas, também, toda a ordem internacional, da qual sempre foram o principal e atuante artífice e, conseqüentemente, o maior beneficiário.

Estaremos diante da reedição da política do “big stick”?

** O autor é Coronel-Aviador R/R e Conferencista Especial da Escola Superior de Guerra.*



ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DO MINISTÉRIO DA GUERRA NO IMPÉRIO **Parte VI - Gen Div Francisco de Paula e Azevedo Pondé**

Caxias no ministério da Guerra

Terminada a guerra contra Rosas, Caxias volta à Corte com mais prestígios ainda e é distinguido com o título de marquês. Em 1853, o marquês de Paraná estava na presidência do Conselho e na pasta da Fazenda; e Pedro de Alcântara

Belegarde, ministro da Guerra, insistindo em renunciar, é substituído por Caxias a 14 de junho de 1855. Como ministro de estado, procura pôr em ordem o Exército, organiza as promoções, ordem e a instrução, imprimindo-lhes novos moldes e propõe o

"estudo da tática das três armas usado no exército português, enquanto não se forma uma tática privativamente nossa".

A 3 de outubro de 1856, morrendo o presidente do Conselho marquês do Paraná, o imperador insiste com Caxias para assumir o cargo que, inicialmente, recusara, mas acaba cedendo, assumindo no mesmo dia. Em 1857, cai o gabinete, e o marquês de Olinda é convidado para organizar o de 4 de maio. Em 1861, as comoções que se produziam nas ruas centrais da cidade, devido à vitória de Otoni, Saldanha Marinho e Francisco Otaviano, nas eleições de 30 de dezembro de 1860 e a debilidade do governo ante essa investida do espírito democrático, induziram Ferraz a demitir-se sem aguardar nova assembleia. O imperador precisava de figura de grande prestígio nacional; e chamou o senador Caxias para organizar o Gabinete de 2 de março de 1861. Caxias passa a acumular a pasta da Guerra. Nas campanhas do Rio Grande ele sempre exigia a presidência dessa província, na presidência do Conselho, guardava para si a pasta da guerra.

Na pasta da Guerra continua sua faina de reorganizar o Exército: a justiça militar, as colônias militares e o serviço militar obrigatório,

"o único meio de conservar no Império um exército, ainda que pequeno, mas o indispensável para sua defesa, é a chamada obrigatória para o serviço das armas..."

Faz abolir os processos disciplinares do conde de Lippe e os substitui pelo Regulamento Correccional. A 30 de abril de 1861, manda manufaturar no Arsenal de Guerra da Corte, para o castigo de pancadas de espada de pranchas,

"espadas mais apropriadas e menos prejudiciais à saúde; do paciente, devendo ser a respectiva lâmina de boa têmpera, de comprimento conveniente, delgada e estreita, para que fique bem flexível" (...) "

"para atenuar suas consequências prejudiciais, tanto quanto for possível, sem torná-lo ilusório, até que outras disposições penais substituam os Regulamentos que a estabeleceram".

A Circular de 27 de junho de 1855 enviada pelo ministro marquês de Caxias aos presidentes das províncias, ao comandante das armas da Corte e ao comandante da Divisão Auxiliadora, determina que:

- os corpos do Exército façam exercícios em todos dias da semana;
- que seja pontualmente executado o Regulamento dos Uniformes;
- o que estabelecem as Escolas de l^{as} Letras nos corpos;
- que as praças sejam bem alimentadas;
- que haja pontualidade na distribuição do fardamento; e
- vigilância no curativo e tratamento das mesmas praças.

Isso demonstra o interesse que o marquês de Caxias tinha com o soldado, sua saúde, sua instrução, seu tratamento e seu bem-estar.



(continua)

Pensamento de Tucídides Pensador e Historiador grego:

“Precisamos conhecer a verdade sobre o passado a fim de prever o futuro”



Carta histórica (grafia atual)

Quando terminada a Guerra do Paraguai uma comissão de brasileiros sob a presidência do Conselheiro Paulino de Souza quis levantar uma estátua a Dom Pedro II, Imperador do Brasil. O Conselheiro comunicou a intenção por carta ao Imperador, cuja resposta é a que abaixo se segue, pela qual se vê quão modesto era o Imperador e quais os intuits que alimentava sobre a instrução brasileira.

Esta carta deu lugar a que, mudando de resolução, a comissão angariadora de donativos para a estátua os aplicasse na construção da Escola de São Sebastião.

Eis a carta:

Senhor Paulino

Leio no Diário que se pretende fazer uma subscrição para elevar-me uma estátua.

O Sr. conhece meus sentimentos e desejo que declare, quanto antes, à Comissão de que fala o mesmo Diário que, se querem perpetuar a lembrança do quanto confiei no patriotismo dos brasileiros para o desagravo completo da honra nacional e prestígio do nome brasileiro por modo que não me contrarie na minha satisfação de servir a minha pátria unicamente pelo cumprimento de um dever de coração, muito estimaria eu que só empregasse seus esforços na aquisição de edifícios apropriados ao ensino das escolas primárias e do melhoramento do material de outros estabelecimentos de instrução pública.

O Sr. e seus predecessores sabem como sempre tenho falado no sentido de cuidarmos seriamente da educação pública, e nada me agradaria tanto como ver a nova era de paz firmada sobre o conceito da dignidade dos brasileiros começar por um grande ato de iniciativa deles a bem da educação pública.

Agradecendo a ideia que tiveram da estátua, estou certo de que não serei forçado a recusá-la.

19 de março de 1870.



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM
Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com

Acesse os nossos sites:

www.ahimtb.org.br
www.acadhistoria.com.br